



A tradução da obra de Jorge de Lima através das cartas enviadas por seus correspondentes estrangeiros (1928-1953)

Raphael Salomão Khéde

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3736-2526>

E-mail: raphaelsalomao@hotmail.com

RESUMO

Com base no duplo conceito de “contato” e “conflito”, proposto por Benvenuto Terracini (1951), o presente artigo tem como objetivo analisar uma seleção de cartas enviadas, entre 1928 e 1953, para Jorge de Lima, por diversos correspondentes de várias partes do mundo (Estados Unidos, Peru, Argentina, Uruguai, Espanha, França, Hungria), a respeito da tradução dos livros do autor brasileiro. Através da leitura das cartas — escritas em francês, espanhol e inglês —, é possível termos acesso ao sodalício intelectual intenso mantido por Jorge de Lima ao longo de sua trajetória, sobretudo com autores oriundos de países da América Latina. As cartas, de fato, fornecem informações detalhadas sobre o envio constante de livros, artigos e poemas por parte de Jorge de Lima, e também sobre a tradução, a recepção e a crítica da obra do autor alagoano em diversos países, colocando em evidência aspectos de “contato” e de “conflito” entre línguas e culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge de Lima; Tradução; Correspondência inédita; Poesia brasileira.

The translation of the work of Jorge de Lima through the letters sent by his foreign correspondents (1928-1953)

ABSTRACT

Based on the double concept of “contact” and “conflict”, proposed by Benvenuto Terracini (1951), this article aims to analyze a selection of letters sent, between 1928 and 1953, to Jorge de Lima, by various correspondents from different parts of the world (United States, Peru, Argentina, Uruguay, Spain, France, Hungary) regarding the translation of the Brazilian author’s books. By reading the letters — written in French, Spanish and English —, it is possible to have access to the intense intellectual partnership maintained by Jorge de Lima, throughout his career, especially with authors from Latin American countries. The letters, in fact, provide detailed information about the constant sending of books, articles and poems by Jorge de Lima, and also about the translation, reception and criticism of the Alagoan author’s work in different countries, highlighting aspects of “contact” and “conflict” between languages and cultures.

KEYWORDS: Jorge de Lima; Translation; Unpublished correspondence; Brazilian poetry.



1. Introdução

Conforme aponta Bice Mortara Garavelli, Benvenuto Terracini já vinha elaborando, desde 1951 (portanto desde a fase do exílio argentino), um conceito que será bastante explorado nos estudos de tradução¹: a não neutralidade do ato tradutório. Para Lawrence Venuti, a tradução é motivada por um reconhecimento das diferenças linguísticas e culturais, redefinindo o conceito de autoria na literatura e na lei, criando identidades receptivas à diferença cultural, exigindo abordagens diferentes no ensino da literatura e na prática filosófica.

O foco na marginalidade da tradução é estratégico. Ele supõe que um estudo da periferia em qualquer cultura pode iluminar e, até mesmo, rever o centro. Contudo, no caso da tradução, da troca transcultural, as periferias são muitas, ao mesmo tempo domésticas e estrangeiras. Elas tomam a forma das culturas marginais, assim definidas por sua posição nas estruturas nacionais ou globais, situadas em relação às línguas hegemônicas, um dialeto-padrão local e geralmente o inglês, ainda a língua mais traduzida em todo o mundo. A pressuposição principal deste livro é talvez o maior escândalo da tradução: assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora (Venuti, 2002, p. 15).

Toda teoria da tradução, portanto, deveria se basear, segundo Terracini, no relacionamento, ora harmônico ora conflituoso, de uma língua com “a forma particular da cultura da qual é veículo”, entre o exame das consequências linguísticas da troca de cultura e a análise do “que propriamente seja e como se forme uma língua culta” (Garavelli, 1983, p. 104). Garavelli destaca como os problemas da tradução foram colocados por Terracini no ensaio *Il problema della traduzione* — o qual compunha originalmente um dos três capítulos de *Conflictos de lengua y de cultura* (Buenos Aires, 1951), tendo sido definido, em 1973, por Gianfranco Folena, como um dos livros mais “esclarecedores sobre a tradução” — como consequências linguísticas da contraposição de duas formas e tradições bem distintas de cultura. Terracini afirma que o tradutor é um dos veículos com os quais a cultura se transmite e se expande pelo mundo, através de conflitos e de assimilações. Nesse sentido, segundo ele, a atividade do tradutor, que não é neutra, representa o indício de uma exigência de “desenvolvimento cultural que domina a forma de civilização representada pela língua de chegada” e a instiga “à assimilação de novas formas”. Investigando situações de contatos e de conflitos, os estudos de tradução apontam para os limites do traduzível: “Talvez não existam livros intraduzíveis, mas povos intraduzíveis sim. E para entender devidamente seus livros, creio que devemos nos aproximar de seus povos, informando-nos sobre sua cultura, nos acostumando ao seu modo de viver e de pensar” (Terracini, 1983, p. 46-48).

¹ Ao desenvolver os conceitos de estrangeirização e domesticação de Schleiermacher e ao problematizar a ideia de ilusão da transparência linguística da tradução, Lawrence Venuti aprofundou a questão da invisibilidade do tradutor em *The translator's invisibility* (1995): “I saw that it could be used to describe the illusionistic effects of fluent translation, where the current standard dialect of the translating language along with linear syntax and univocal meaning creates an easy readability that masks the translator's work, leading the reader to believe that the translation is actually the source text” (Venuti, 2017 [1995], p. 2).

A partir do momento que a correspondência passiva de Jorge Lima aponta para diversos aspectos estéticos presentes na obra do autor alagoano, a sua leitura confirma a conceituação de Peeter Torop, segundo o qual existe certa afinidade entre a atividade crítica e a tradutória: “por um lado, os críticos são tradutores, portanto, seja a crítica que a tradução tem uma função mediadora, com a diferença que a crítica é mais abstrata e fragmentária, ou seja, na crítica fala-se do texto, enquanto na tradução é o próprio texto a falar” (Torop, 2014, p. 24). Nessa mesma linha de raciocínio, Henri Meschonnic afirma que a poética da tradução implica um ato crítico sobre, contemporaneamente, a língua e a literatura:

[...] a poética implica a literatura, e por isto impede este vício maior das teorias linguísticas contemporâneas, de trabalhar com a linguagem, separando-a da literatura, isto é, compartimentando-a, de onde os empirismos descritivistas regionais e dogmáticos sem teoria da linguagem. Aqui, a poética da tradução desempenha um papel maior como poética experimental. Então, a poética não é mais do que um homônimo daquilo que o pós-estruturalismo designa com este mesmo nome em sua descrição das estruturas narrativas. Assim a poética tem um papel e um efeito críticos (Meschonnic, 2010, p. 3).

Partindo desse duplo conceito — o da tradução como espaço de “contato” e de “conflito”, e o da tradução como ato crítico —, o presente artigo tem como objetivo analisar uma seleção de cartas enviadas, entre 1928 e 1953, para Jorge de Lima (1893-1953), por diversos correspondentes de diversas partes do mundo (Estados Unidos, Peru, Argentina, Uruguai, Espanha, França, Hungria), a respeito da tradução dos livros do autor brasileiro. Trata-se de uma extensa correspondência, ainda inédita (conservada no acervo de Jorge de Lima, no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro), com, entre outros, o poeta e tradutor húngaro Paulo Rónai (1907-1992), a escritora argentina Victoria Ocampo (1890-1979), o historiador peruano Rubén Vargas Ugarte (1886-1975), o escritor boliviano Diomedes de Pereyra (1897-1976), o escritor uruguaio Ildefonso Pereda Valdés (1899-1996), o escritor francês Daniel-Rops (1901-1965), o tradutor estadunidense Samuel Putnam (1892-1950). Através da leitura das cartas — escritas em francês, espanhol e inglês —, é possível termos acesso ao sodalício intelectual intenso mantido por Jorge de Lima ao longo de sua trajetória, sobretudo com autores oriundos de países da América Latina. As cartas, de fato, fornecem informações detalhadas sobre o envio constante de livros, artigos e poemas por parte de Jorge de Lima, e também sobre a tradução, a recepção e a crítica da obra do autor alagoano em diversos países, colocando em evidência aspectos de “contato” e de “conflito” entre línguas e culturas.

Conforme apontou Júlio Castañon Guimarães (1996), Vincent Kaufmann, em seu livro *L'équivoque épistolaire* (1990), baseou-se na expressão “equivoco epistolar” para formular a noção de que, em vez de contribuir para aproximar, para comunicar, o gesto epistolar desqualifica “toda forma de partilha”, ao criar “uma distância graças à qual o texto literário pode sobrevir”. Nesse sentido, “as correspondências representam um corpus ao mesmo tempo superabundante e sempre lacunar”. A correspondência é lacunar na medida em que compõe um longo texto fragmentado, podendo, ainda, ocorrer a situação de algumas peças não terem sido preservadas. Se a escolha de Vincent Kaufmann se deu por correspondências superabundantes, é fácil supor que nos casos contrários torna-se precário rastrear os elementos que sustentam sua hipótese

(Guimarães, 1996, p. 4-5). Portanto, prossegue Castañon, as cartas interessam ao trabalho crítico, por fatores que vão além da forma literal do texto, ou seja, “importam algumas articulações estabelecidas pela correspondência”: o “estatuto privado do material e os diferentes níveis de relação do texto epistolar com o texto literário, em sentido estrito, ou com o universo cultural dos autores, em sentido lato” (Guimarães, 1996, p. 5).

2. Cartas 1934-1953

Samuel Putnam (o qual traduziu para o inglês, entre outros, *Os sertões*, de Euclides da Cunha) enviou uma carta em francês (todas as outras são em inglês), em 15 de outubro de 1934, agradecendo Jorge de Lima pelo envio de seus “belos livros”, sobre os quais Putnam, após lê-los, escreveu uma nota para *Books Abroad*, publicada no número de janeiro de 1935. Em 7 de janeiro de 1935, Putnam parabeniza Jorge pelo prêmio recebido pela Fundação Graça Aranha pela novela *O anjo*. Além de solicitar o envio de uma cópia do número do *Diário de notícias* com a entrevista concedida por Jorge de Lima, Putnam informa o poeta brasileiro sobre a publicação da resenha escrita por ele a respeito de seus três livros: *Poemas escolhidos* (1932), *O anjo* (1934) e *Anchieta* (1935). Na carta de 21 de abril de 1935, o tradutor pergunta se Jorge havia recebido o número de verão da *Books Abroad*. Em 29 de maio de 1936, Putnam indaga se Jorge viu seu artigo sobre *Calunga* (1935) publicado, na *Books Abroad*, no número de verão de 1936. Em seguida, solicita a ajuda de Jorge, pois a universidade de Harvard havia lhe pedido para preparar uma bibliografia da literatura brasileira referente ao ano de 1935, com a indicação de livros, artigos e revistas brasileiras. Putnam solicitava informações detalhadas sobre os seguintes itens: nome do autor; título do livro ou artigo; editora; local da publicação e, no caso de artigos de revista, os números de páginas e dos volumes.

Em 3 de março de 1937, agradecendo Jorge pelo espaço que lhe havia concedido no *Boletim de Ariel*, informa o poeta sobre sua função de editor da seção brasileira da *HandBook* da universidade de Harvard. Pede, então, a sua ajuda para que lhe envie uma lista com “todos os livros de importância literária publicados no Brasil em 1936”. No dia 4 de agosto de 1937, Putnam escreve pedindo a Jorge para lhe enviar uma lista de todas as traduções brasileiras de Walt Whitman, já que estava trabalhando sobre a bibliografia do poeta americano. Informa ainda que a *Harvard University Handbook of Latin American Studies* estava no prelo, “listando as obras literárias brasileiras mais importantes de 1936”. Na carta, o tradutor acusa, também, o recebimento de *Esse Jorge de Lima* (1933), de Benjamin Lima, e *História e crítica da poesia brasileira* (1937), de Edson Lins. No dia 5 de fevereiro, Putnam escreveu um bilhete para Jorge apresentando-o a Lewis Hanke (professor da universidade de Harvard e editor-chefe da *Handbook of Latin American Studies*), e solicitando que o ajudasse a estabelecer contatos em sua iminente viagem ao Brasil para que a sua estadia fosse profícua do ponto de vista literário. No dia 1º de julho de 1938, Putnam pede para Jorge escrever às editoras para que lhe enviassem os seguintes livros: *O sagrado esforço do homem* (1937), de Tasso da Silveira; *Gado humano* (1936), de Nestor Duarte, e *Olho d'água* (1937), de João Accioli.



Em 19 de junho², Jorge escreve em português a Putnam (é a única carta do poeta alagoano para o tradutor americano conservada no dossiê) afirmando que havia recebido a sua carta em 5 de fevereiro de 1938, com enorme atraso, somente na véspera, em 18 de junho. Jorge conta que no dia anterior havia almoçado com José Lins do Rego, Luís Jardim e o professor Lewis Hanke. No curto espaço deste almoço, percebeu “a extraordinária inteligência e intuição”, a agilidade de pensar de Hanke, assim como “a sua facilidade de nos compreender”, de “descobrir rapidamente onde estão nossos justos valores e o que realmente a incipiente inteligência brasileira representa no mundo espiritual de todos os povos”. Após afirmar que, por intermédio de Hanke, havia sido apresentado ao Dr. Prestore E. James (professor da Universidade de Michigan), Jorge apresenta diversas críticas ao artigo escrito por Putnam a respeito da já citada *História e crítica da poesia brasileira*, de Edson Lins:

Aproveito a ocasião, meu caro Putnam, para falar-lhe sobre o artigo a respeito da *História da poesia brasileira* enviado por v. ao Books Abroad. Foi v. de uma grande injustiça para com um crítico que apesar de seus 21 anos consegue produzir a obra exaustiva e documental de mais de 300 páginas que é seu livro. Há outros conceitos, nesta sua apreciação, totalmente falsos como a classificação de nossa poesia num terceiro plano. Posso assegurar-lhe que o surto de poesia no Brasil desde 1925 é dos mais intensos, mais profundos, e mais universais do mundo. Estamos inteiramente emancipados da poesia europeia ou americana no que a poesia pode ter de americano ou europeu e somos verdadeiramente universais em qualquer sentido em que v. encare. V. decerto desconhece Adalgisa Nery, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Francisco Karam, Vinícius de Moraes, Lúcio Cardoso ou Manuel Bandeira. V. decerto desconhece os meus 5 ou 6 volumes de poesia e por isso emitiu um juízo tão desfavorável.

Outro trecho da crítica considerado “injusto” por Jorge de Lima é o seguinte: “The Brazilian poet-novelist, Jorge de Lima, is perhaps the best publicized writer in the world. One almost has the impression that he must maintain a high-powered publicity staff. Or else, he has a phenomenal number of disciples, and they are even more adulatory than disciples customarily are”. Comenta Jorge de Lima:

Não possuo nenhum serviço de publicidade, aliás, nenhum escritor brasileiro o possui e se meus discípulos se referem com algum exagero à minha insignificante personalidade literária, não é com nenhum espírito de adulação ou qualquer outro sentimento mais pejorativo mas com a lealdade que caracteriza a mocidade tão generosa nos Estados Unidos, como no Brasil ou em todos os recantos da terra.

Em seguida, Jorge rebate mais dois pontos da crítica de Putnam: um relacionado ao governo Vargas, defendido pelo poeta alagoano, inclusive, com base num pronunciamento de José Lins do Rego; e outro referente ao catolicismo professado por ele e por Murilo Mendes:

Outra opinião que v. precisa retificar em seu foro íntimo, é o seu juízo sobre Vargas. Em primeiro lugar aviso-lhe que o meu cargo de Professor de literatura da Universidade para o qual voltei

² Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 574.

agora não devo a Vargas nem a nenhum político. O presidente Vargas, porém, não é nem nunca foi sanguinário nem conserva “apodrecendo nas prisões os intelectuais brasileiros”. Para comprovar o que estou lhe dizendo, envio-lhe uma página de jornal contendo o discurso de José Lins do Rego, recentemente pronunciado perante Vargas e que justamente trata do assunto — “Vargas e os intelectuais”. Ora, José Lins do Rego, pela feição de seus romances e de sua literatura em geral, não é absolutamente suspeito. Mal informado está v. também quando afirma que eu e Murilo Mendes somos orientadores do neo-catolicismo do Brasil. Primeiro não há neo-catolicismo. Só há, houve e haverá, no Brasil, em USA e no mundo inteiro — catolicismo, acima de qualquer forma política, de qualquer preconceito crítico e independente de esquerda, direita ou qualquer estado ou tirania. Segundo: eu e Murilo Mendes não somos chefes do catolicismo (neo-catolicismo para v.). O chefe é o cardeal e depois dele, como orientador leigo é o preclaro escritor e crítico doublé de sociólogo — senhor Alceu Amoroso Lima que fazendo crítica, até pouco tempo, dos livros estrangeiros no Brasil era incapaz de cometer as ironias e as injustiças que o meu amigo Samuel Putnam acaba de perpetrar. No mais continuo seu amigo para servi-lo e seu admirador de sempre.

No arquivo de Jorge de Lima, estão conservadas duas cartas em francês de Paulo Rónai³, escritas antes de sua transferência para o Brasil (em março de 1941). Na primeira, de 21 de julho de 1939, de Budapeste, escreve mencionando a conferência realizada por ele na Sociedade Vajda János (em Budapeste, em junho de 1939), intitulada “O outro Brasil”. Além das referências à *Antologia dos poetas modernos* (1935), de Dante Milano, e a já citada *História e crítica da poesia brasileira*, a carta é interessante porque nela Rónai fornece informações a respeito de sua antologia de poetas brasileiros traduzidos para o húngaro (a primeira em absoluto), e a respeito de sua atividade como crítico e como tradutor de autores brasileiros. Rónai fala, inclusive, sobre a dificuldade de se traduzir uma obra prima da literatura brasileira, como “Essa negra Fulô”:

Peut-être avez-vous lu, dans le *Correio da Manhã*, ou dans *Jornal do Comércio* du 14 juin, une notice sur une conférence que j’ai fait la veille sur la poésie brésilienne moderne et où je parlé de vous et de votre art. Je m’occupe en effet depuis quelques temps de la littérature brésilienne. En plusieurs journaux et revues de Budapest, j’ai publié quelques études sur des écrivains et des poètes de votre pays et une trentaine de poèmes brésiliens traduits par moi en vers hongrois. Je travaille actuellement à une petite *Anthologie de la poésie brésilienne moderne* en hongrois, le premier recueil de ce genre en Europe Centrale, je pense. De vous je ne connais que les quelques poésies insérées dans *L’Antologia de poetas modernos* de D. Milano. J’en ai traduit une — sans doute la plus célèbre — “Essa negra Fulô” ou plutôt j’ai essayé de la traduire. Bien entendu, beaucoup de beautés intraduisibles de ce poème que je considère comme une chef-d’oeuvre de la littérature brésilienne, n’ont pu être rendues en hongrois: même ainsi, cependant, il a eu un succès énorme parmi les auditeurs de ma conférence. Même sans avoir lu la plupart de vos oeuvres, je connais assez bien l’importance du rôle que vous jouez dans le mouvement intellectuel brésilien, par exemple par *l’História e crítica da poesia brasileira* de Edison Lins et plusieurs périodiques et journaux de Rio et de São Paulo. Vous comprendrez donc que je serais très très heureux de connaître le reste de votre oeuvre littéraire et que vous me rendriez un très grand service en m’envoyant quelques-uns de vos volumes. Si vous aviez l’extrême obligeance de m’envoyer par avion votre volume de vers que vous considérez comme le plus important, je vous en serais bien reconnaissant — alors je pourrais encore

³ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 604.



en insérer quelques pièces dans mon Anthologie qui paraîtra à la fin du mois d'août et où votre Fulô aura de toute façon une place d'honneur. Il va de soi que je vous enverrai cette Anthologie aussitôt qu'elle sera publiée. J'espère que vous voudrez m'excuser de frapper à votre porte sans vous connaître: je m'y sens autorisé par la traduction d' "Essa negra Fulô qui forme désormais une sorte de lien entre nous. Je ne vous écris pas en portugais, car je sais mieux le français, mais vous pouvez naturellement m'écrire en portugais. Dans l'attente de votre lettre, je vous prie, Monsieur, d'agréer l'expression de mes sentiments dévoués⁴.

De Budapeste, em 3 de outubro de 1939, Paulo Rónai escreveu outra carta junto a qual enca-minhou a introdução em francês para a sua já citada antologia (que reúne 33 poemas de 24 auto-res brasileiros traduzidos). Jorge de Lima resulta o segundo poeta mais traduzido (atrás somente de Ribeiro Couto, do qual Rónai traduziu sete poemas) com "Essa negra Fulô", "O filho pródigo" e "Mira-Coeli". Rónai acusa o recebimento de *A Túnica Inconsútil* (1938), definida como "poesia pura e nova, uma das contribuições mais essenciais da literatura brasileira":

Depuis ma dernière lettre, j'ai reçu votre livre *A Túnica Inconsútil*. J'espère avoir un jour l'occasion de dire amplement dans un article tout le ravissement que ce grand livre m'a causé. C'est de la poésie pure et nouvelle, une des contributions les plus essentielles de la littérature brésilienne au trésor de la poésie mondiale. Il y a certainement un grand nombre de pièces que je traduirai tôt ou tard, comme "A Ave", "Convite para a ilha", "O grande desastre aéreo de ontem", "Poema de qualquer virgem", "O poeta Jacob", etc. Merci mille fois de m'avoir fait connaître cet ouvrage qui m'a permis de compléter l'image si incomplète — et pourtant si brillante déjà — que je m'étais faite de votre art. Merci aussi du livre de M. Manuel Anselmo, analyse compréhensive et intelligente. Vous trouvez cette lettre jointe à mon livre *Brazilia Üzen* (Message du Brésil), mon recueil déjà annoncé de la poésie brésilienne moderne et contenant trois de vos poésies. J'y ai joint le texte original portugais de la préface et la traduction française de l'introduction, ce qui vous donnera une idée des intentions que j'avais en publiant ce livre et de la manière dont je considère le mouvement littéraire brésilien. Recevez ce volume avec bienveillance, comme un signe de mon affection pour votre pays et de mon

⁴ "Talvez o senhor tenha lido, no *Correio da Manhã*, ou no *Jornal do Comércio* de 14 de junho, a notícia de uma conferência que dei na véspera sobre poesia moderna brasileira, na qual falei do senhor e de sua arte. Na verdade, já há algum tempo que trato de literatura brasileira. Em vários jornais e revistas de Budapeste publiquei alguns estudos sobre escritores e poetas de seu país e cerca de trinta poemas traduzidos por mim em versos húngaros. Atualmente estou trabalhando em uma pequena Antologia da Poesia Moderna Brasileira em húngaro, a primeira coleção desse tipo na Europa Central, creio. Do senhor só conheço os poemas inseridos na *Antologia de poetas modernos* de D. Milano. Traduzi um — sem dúvida o mais famoso — 'Essa negra Fulô', ou melhor, tentei traduzir. É claro que muitas das belezas intraduzíveis deste poema, que considero uma obra-prima da literatura brasileira, não poderiam ser traduzidas em húngaro: mesmo assim, porém, fez enorme sucesso entre os ouvintes da minha palestra. Mesmo sem ter lido a maior parte de suas obras, sei muito bem a importância do papel que o senhor desempenha no movimento intelectual brasileiro, por exemplo, através da *História e crítica da poesia brasileira* de Edison Lins e de diversos periódicos e jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. O senhor compreenderá, portanto, que eu ficaria muito, muito feliz em conhecer o resto de sua obra literária e que o senhor estaria me prestando um grande serviço ao me enviar alguns de seus volumes. Se o senhor tivesse a extrema gentileza de me enviar por via aérea o seu volume de versos que o senhor considera o mais importante, eu lhe ficaria muito grato — eu então poderia inserir alguns trechos na minha Antologia que sairá no final de agosto e na qual a sua Fulô terá, de qualquer forma, lugar de honra. Nem é preciso dizer que enviarei esta antologia assim que for publicada. Espero que me desculpe por bater à sua porta sem conhecê-lo: sinto-me autorizado a fazê-lo pela tradução de 'Essa negra Fulô' que agora forma uma espécie de elo entre nós. Não lhe escrevo em português, porque conheço melhor o francês, mas o senhor pode naturalmente me escrever em português. Enquanto aguardo a sua carta, peço-lhe, Senhor, que aceite a expressão de meus devotados sentimentos." A tradução deste trecho e dos seguintes foi realizada pelo autor do ensaio.

respect pour votre art. Depuis ma dernière lettre, la guerre a éclaté en Europe, à deux doigts d'ici. Qui pourrait prévoir les conséquences de ce terrible fléau ou dire ceux qui seront ménagés et ceux qui seront entraînés. Quoi qu'il en soit, je voudrais que mon petit livre — dussé-je disparaître moi-même — fût considéré comme une profession de foi en faveur de la paix et de la collaboration des peuples. J'avais cru jadis que l'Europe détenait seule le patrimoine culturel de l'humanité. Mieux je connais l'Amérique du Sud et plus particulièrement votre Brésil, et mieux je me rends compte qu'il n'en est pas ainsi. Cette expérience me rassure et me console. Même si l'Europe devait sombrer dans la catastrophe pour avoir toléré qu'on manque de respect à la personne humaine, je sais désormais que ce qu'elle a produit de meilleur survivra⁵.

Em 5 de agosto (provavelmente de 1938), Daniel-Rops⁶, o qual manteve uma rica troca epistolar com Jorge de Lima a respeito da tradução das respectivas obras, escreve manifestando a sua alegria ao saber que o poeta brasileiro iniciou a tradução de seu romance *L'Épée de Feu*:

Je vous remercie de votre bonne lettre et de tout ce qu'elle contient d'aimable pour mes livres. Je suis particulièrement heureux que vous ayez aimé *L'Épée de Feu* et que vous envisagiez de le traduire. De mon côté j'ai bien reçu vos poèmes, qui m'ont vivement intéressé. Il y a là un sens de la simplicité poétique, une façon de susciter le beau de notre vie quotidienne, qui est d'un bon artiste. Les traductions sont bonnes et il y aura peu de chose à faire pour les mettre tout à fait en français littéraire. Comme je le dis à Corrêa, il y a toujours de grandes difficultés à faire publier des poèmes, mais je pense pouvoir en faire passer dans des revues d'abord, pour voir quelles seront les réactions de la critique. Il me faudrait absolument une étude de six ou sept pages en français sur votre oeuvre; je ne lis malheureusement pas le portugais⁷.

⁵ “Após a minha última carta, recebi o seu livro *A túnica inconsútil*. Espero um dia ter a oportunidade de expressar plenamente em um artigo toda a alegria que este grande livro me causou. É poesia pura e nova, uma das contribuições mais essenciais da literatura brasileira ao tesouro da poesia mundial. Há certamente um grande número de peças que traduzirei mais cedo ou mais tarde, como ‘A ave’, ‘Convite para a ilha’, ‘O grande desastre aéreo de ontem’, ‘Poema de qualquer virgem’, ‘O poeta Jacob’, etc. Mil vezes obrigado por ter me apresentado esta obra que me permitiu completar a imagem tão incompleta — mas já tão brilhante — que tinha formado da sua arte. Obrigado também pelo livro do Sr. Manuel Anselmo, análise abrangente e inteligente. O senhor encontra esta carta anexada ao meu livro *Brazilia Üzen* (Mensagem do Brasil), minha já anunciada coleção de poesia brasileira moderna, contendo três de seus poemas. Anexe o texto original em português do prefácio e a tradução francesa da introdução, que lhe dará uma ideia das intenções que tive ao publicar este livro e a forma como considero o movimento literário brasileiro. Receba este volume com carinho, como sinal do meu carinho pelo seu país e do meu respeito pela sua arte. Desde a minha última carta, a guerra eclodiu na Europa, a poucos passos daqui. Quem poderia prever as consequências deste terrível flagelo ou dizer aqueles que serão poupados e aqueles que serão arrastados. Em todo o caso, gostaria que o meu livrinho — mesmo que eu próprio desaparecesse — fosse considerado como uma profissão de fé a favor da paz e da colaboração entre os povos. Certa vez, acreditei que só a Europa detinha a herança cultural da humanidade. Quanto mais conheço a América do Sul e, sobretudo, o seu Brasil, percebo melhor que as coisas não estão assim. Esta experiência tranquiliza-me e consola-me. Mesmo que a Europa afundasse na catástrofe por ter tolerado a falta de respeito pela pessoa humana, sei agora que o melhor que produziu sobreviverá.”

⁶ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 605.

⁷ “Agradeço sua amável carta e toda a gentileza que ela contém para com os meus livros. Estou especialmente feliz que o senhor tenha gostado de *L'Épée de Feu* e esteja pensando em traduzi-lo. De minha parte, recebi seus poemas, que me interessaram muito. Há ali uma sensação de simplicidade poética, uma forma de realçar a beleza do nosso dia a dia, que vem de um bom artista. As traduções são boas e não será necessário muito esforço para colocá-las em francês literário. Como digo ao Corrêa, sempre há grandes dificuldades para publicar poemas, mas acho que posso colocá-los primeiro nas revistas, para ver qual será a reação da crítica. Preciso absolutamente de um estudo de seis ou sete páginas em francês sobre o seu trabalho; infelizmente não leio português.”

Em 12 de fevereiro de 1939, Daniel-Rops pergunta se Jorge estaria disponível a traduzir para o português outras três obras:

J'ai bien reçu vos envois et j'ai été heureux de voir paraître le recueil sur les Juifs dans votre traduction. Malheureusement mon ignorance du portugais m'a empêché d'en apprécier les mérites, mais par contre j'ai peu me rendre compte de la beauté de vos poèmes d'après les traductions françaises. Je pense que l'une ou l'autre pourrait être présentée à une revue française, si cela vous intéresse. Croyez-vous qu'il serait possible de faire publier en traduction au Brésil l'un ou l'autre de mes livres personnels? Je prie mon éditeur de vous envoyer mon roman *Mort où es ta victoire*, mon Essai sur *Péguy* et celui sur *Ce qui meurt et ce qui naît*. Vous seriez tout à fait bon d'examiner si un de vos éditeurs ne pourrait envisager la publication à Rio⁸.

Na carta de 26 de março de 1939, Daniel-Rops se refere à tradução de sua obra no Brasil:

En tout cas, je tiens à vous dire que personnellement j'ai été très heureux d'apprendre que vous alliez traduire mes deux livres; j'ai une grande sympathie pour le Brésil, où je compte pas mal d'amis et je crois que vos éditions seront bien accueillies. Je suis en tout cas à votre disposition pour tout renseignement qui pourrait vous être utile, touchant la traduction, de même que je serai à la disposition de l'éditeur pour ce qui concernera le lancement⁹.

Em 13 de maio de 1939, Daniel-Rops escreve sobre a publicação dos poemas de Jorge de Lima em francês:

J'ai communiqué votre lettre à Plon qui fera le nécessaire auprès de vous pour mettre au point la question des traductions. Je vous remercie, quant à moi, de l'intérêt amical que vous y portez. Vous allez d'ailleurs recevoir probablement par le même courrier mon nouveau roman *L'Épée de Feu* dont je souhaite qu'il vous intéresse. En ce qui concerne vos poèmes, je ne demande pas mieux que d'en vérifier le français. Mais pour ce qui concerne la publication, il ne faudrait pas vous adresser à Plon qui est une maison excellente, mais qui ne publie jamais ou presque de poésies. Quand j'aurai votre manuscrit, je verrai quel sera l'éditeur avec lequel il conviendra d'engager la conversation¹⁰.

No P.S., Daniel-Rops pede a Jorge que envie uma cópia do seu *L'Épée de Feu* a Tristão de Athayde, Afrânio Coutinho e Ribeiro Couto. Na carta de 5 de janeiro (mas sem a indicação do

⁸ "Recebi suas correspondências e fiquei feliz em ver a coleção sobre os judeus aparecer na sua tradução. Infelizmente o meu desconhecimento do português impediu-me de apreciar os seus méritos, mas por outro lado dificilmente percebi a beleza dos seus poemas a partir das traduções francesas. Acho que um ou outro poderia ser apresentado a uma revista francesa, se isso lhe interessar. O senhor acha que seria possível traduzir algum dos meus livros no Brasil? Vou pedir ao meu editor para lhe enviar o meu romance *Mort où es ta victoire*, meu ensaio Ensaio sobre *Péguy* e aquele sobre *Ce qui meurt et ce qui naît*. Seria ótimo se um de seus editores se interessasse pela publicação no Rio."

⁹ "De qualquer forma, quero lhe dizer que pessoalmente fiquei muito feliz ao saber que o senhor iria traduzir meus dois livros; tenho muita simpatia pelo Brasil, onde tenho muitos amigos e acredito que suas edições serão bem recebidas. Em qualquer caso, estou à sua disposição para qualquer informação que lhe possa ser útil, no que diz respeito à tradução, assim como estarei à disposição da editora no que diz respeito ao lançamento."

¹⁰ "Comuniquei sua carta a Plon que fará o que for necessário para resolver com o senhor a questão das traduções. Agradeço-lhe, pela minha parte, o seu interesse amigável no assunto. O senhor provavelmente também receberá pelo mesmo correio meu novo romance *L'Épée de Feu*, que espero lhe interesse. Quanto aos seus poemas, nada me agradaria mais do que verificar o francês. Mas no que diz respeito à publicação, não se deve contactar a Plon que é uma excelente editora, mas nunca ou quase nunca publica poesia. Quando tiver seu manuscrito em mãos, verei qual editora é adequada para iniciar uma conversa."

ano), Daniel-Rops afirma que queria publicar um artigo sobre Jorge de Lima e solicita o envio da tradução francesa do prefácio que Georges Bernanos dedicou aos poemas de Jorge, além da tradução de alguns poemas de *A túnica Inconsútil*:

Je me propose de publier un article sur vous mais il me faudrait plusieurs choses que je vous demande de me faire parvenir par retour de l'avion.

La traduction française de la préface que Bernanos vous a donnée pour vos poèmes.

La traduction de quelques uns de vos poèmes extraits de la *Tunica*, par exemple “Lode à la communion des saints”; il m'en faudrait deux ou trois. Dans la hâte de mon départ au moment de la déclaration de guerre, j'ai laissé vos poèmes dans ma maison de campagne.

Un résumé du roman que vous m'annoncez¹¹.

Para Daniel-Rops, o poeta alagoano escreveu em francês em 13 de dezembro de 1941, trazendo informações sobre a sua tradução do romance do autor francês (*A espada de Fogo*), e demonstrando-se disponível a traduzir outras duas obras (*Mystique de France* e *Receueil de Nouvelles*):

En ce qui concerne la traduction de *L'Épée de Feu*, elle a été faite mais n'a pu être imprimée du à la réserve des éditeurs avant peur de se compromettre comme aussi le manque et la cherté du papier. Au sujet des deux ouvrages que vous venez de terminer — *Mystique de France* et *Receueil de Nouvelles* — je vous prie de bien vouloir me les faire parvenir aussitôt qu'ils auront été publiés, d'autant plus comme vous me le dittes que l'envoi de livres français au Brésil est possible¹².

Em 27 de outubro de 1939, o escritor peruano Estuardo Núñez Haia¹³ (1908-2013), escreveu agradecendo o envio da tradução dos poemas de Jorge para o espanhol: “Muy cordial su envío de *Poemas* y del magnífico ensayo crítico de Manuel Anselmo”. Estuardo manifestou, também, sua “gratidão mais sincera” pelos “intensos momentos” proporcionados pela leitura da poesia de Jorge que ele desconhecia. Lamenta que a tradução para o castelhano tenha eliminado os poemas da última fase de Jorge, enquanto os anteriores, “ricos em sensibilidade”, ele pôde “entrever” através das páginas do ensaio de Manuel Anselmo.

Para se pensar na relação entre poetas brasileiros e latinoamericanos, é importante lembrar a tradução para o espanhol de poetas modernistas brasileiros, realizada pelo poeta peruano Alberto Guillén, no início de 1930. Manuel Bandeira, no *Boletim de Ariel* (outubro de 1931), escreveu uma nota a respeito desta tradução, indicando que, em *Atenea* (ns. 73 e 74), Alberto Guillén havia publicado um breve estudo sobre *A nova poesia brasileira*. Guillén, conforme Bandeira, “já residiu entre nós como secretário da legação de seu país”. Poeta “de fina sensibilidade

¹¹ “Pretendo publicar um artigo sobre o senhor, mas precisaria que o senhor me enviasse várias coisas na volta do avião. I – A tradução francesa do prefácio que Bernanos lhe deu para seus poemas. II – A tradução de alguns de seus poemas retirados da *Túnica*, por exemplo, ‘Lode à comunhão dos santos’; eu precisaria de dois ou três. Na pressa de partir quando a guerra foi declarada, deixei seus poemas em minha casa de campo. III – Um resumo do romance que o senhor me contou.”

¹² “Quanto à tradução de *L'Épée de Feu*, esta foi realizada, mas não pôde ser impressa devido às reservas dos editores diante do medo de se comprometer, bem como da falta e do alto custo do papel. Em relação às duas obras que o senhor acabou de terminar — *Mystique de France* e *Receueil de Nouvelles* — peço-lhe que as envie para mim assim que publicadas, especialmente porque você me diz que é possível enviar livros franceses para o Brasil.”

¹³ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 518.

e apaixonado pelas coisas da América”, organizou, alguns anos antes, uma antologia da poesia sul-americana, cuja primeira edição se esgotou rapidamente. Naquele momento, estava preparando uma segunda edição, corrigida e ampliada, dessa obra, além de uma antologia da nova poesia brasileira. Bandeira considera “materiais destacados” do trabalho de Guillén as traduções (de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Raul Bopp, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Jorge Fernandes, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes) e as notas que aparecem em *Ate-nea*, revista editada pela Universidade de Concepción, e que estava em seu oitavo ano: “É uma revista de ótima apresentação, e dirigi-a Domingo Melfi” (Bandeira, 1931, p. 15).

Numa carta de 1934 escrita para Jorge de Lima, Mário de Andrade¹⁴ se demonstra solícito com o amigo, ao lhe dar sugestões para a divulgação de sua novela, recém-publicada, *O anjo*. Em particular, o autor paulistano aconselha Jorge a enviar o texto ao escritor uruguaio Ildefonso Pereda Valdés: “Mande o livro dele pra redação do *Estado de São Paulo*. O endereço da minha tradutora é: Margaret Richardson Hollingsworth - 725, Riverside Drive - New York. E creio que é só. Ano pobre de gente em torno de mim. Não esqueça de mandar o *Anjo* pro Pereda Valdés, Consulado da Venezuela, Montevideo”.

No acervo de Jorge de Lima, encontram-se preservadas seis cartas de Ildefonso Pereda Valdés¹⁵ para Jorge de Lima (escritas entre 25 de março de 1928 e 10 de abril de 1943, sendo que três delas não estão datadas). Na carta de 25 de março de 1928, Valdés acusa o recebimento de *Novos Poemas* (1927), de Jorge de Lima (“Sus poemas me hablan de un Brasil del norte, lleno de misticismo”); além disso, Valdés informa Jorge sobre a tradução que ele estava preparando de seu poema “Xangô” para uma *Antología negra*. O poeta uruguaio, também, prometeu, nesta carta, o envio de seus *Poemas negros*, o novo livro que estava concluindo naquele momento. Numa carta sem data (enviada de Montevideu), Valdés escreveu sobre suas leituras da obra de Jorge de Lima, percebendo afinidades em suas poéticas a respeito da cultura, do misticismo e da história das populações afrodescendentes nas Américas:

Recibí hace un tiempo su libro *Novos Poemas* y últimamente una carta suya, a propósito de mi reciente libro *Raza Negra*. No recibí, en cambio, los ensayos que me enuncia. He leído *Novos Poemas* y me han gustado tanto ó más que sus *Poemas*. “Essa negra Fuló” vuelve a producirme la misma fuerte impresión de dolor servil, que ud. ha sabido poner en esa negrita Fuló “que ficou logo pra mucama / para vigiar a Sinhá / pra engomar pro Sinhó!”. Esa negra suya está traspasada del dolor de la esclavitud; hay en su poema algo del alma de una raza sufrida y dolorida que canta su dolor en sus versos. Me siento en esta parte fraternizar con ud. en el canto a una raza que, además del colorido pintoresco, presenta un profundo sentido humano, a ella muy pocos han podido llegar. Yo creo que se ha explotado escandalosamente la literatura negra, en Europa u en Estados Unidos; pero al alma negra no se llega tan fácilmente por la puerta de la frivolidad. Aquí en América, donde el negro forma parte integral de la tradición y de la vida americana, es a los poetas como ud. a quienes le corresponde hacer resonar la campana sonora del alma del negro. He notado en su último libro una tendencia mística muy acentuada. Esta nueva tendencia suya, me agrada y me complace. Una vez más coincidimos: la mística me tira por adentro, yo tengo un temperamento místico que se me sale a cada

¹⁴ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 127.

¹⁵ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 541.

rato. El negro mismo, me encanta por su misticismo, su religiosidad callada, y el fondo torturante de superstición que hay en él. Su misticismo ingenuo; su rezo poético me llegan profundamente al alma. Sorprenderá un poco a la gente pacata, ver cantar a la virgen María: “Nossa Senhora, minha madrinha” en un estilo tan familiar y confanzudo; pero esa manera de tratar a la virgen, y a Dios Nuestro Señor, se le puede permitir a un poeta de tan alta elevación como es ud. Muy bien ese “credo” casi rezado, y esos salmos, aromosos de cedro y armoniosos de música bíblica. Señalo en “Flor Sanctorum” esta certera belleza: “São Jorge que me cedeu o seu nome / pra meu pai me batizar”.

Na carta de 28 de março de 1940, Ildefonso Pereda acusou o recebimento da tradução em castelhano dos poemas de Jorge de Lima com o prefácio de Georges Bernanos, e acrescentou: “He gustado su poesía con el mismo encanto de siempre, desde aquella ‘Essa negra Fulô’ que tanto me encantara y con cuyo poema penetró Ud. en la poesía brasileña con acierto”. Ildefonso se refere também às suas últimas produções nas quais aprofundou o “tema negro americano”, e afirma que estava em contato direto com etnólogos brasileiros “muito interessantes” como Arthur Ramos, Edison Carneiro e Dante de Laytano, entre outros. Victoria Ocampo, em 9 de abril de 1942, escreveu trazendo informações a respeito da tradução dos poemas de Jorge de Lima em espanhol na revista *Sur*:

Gracias por sus poemas. También nosotros, desde hace mucho tiempo, queríamos publicar algo suyo en *Sur*. *Motivos de “Mira Celi”* realzarán las páginas de esta revista que le merece a Ud. palabras tan gentiles. Desearía eso sí, que cada poema apareciera acompañado por el respectivo original portugués, cosa que permitirá apreciar íntegramente su valor. Como lo reconocen los mismos traductores de la colección española, su versión al castellano es muy difícil. En fin, ya se dice en el *Quijote*, a propósito de Ariosto: “...por mucho cuidado que pongan y habilidad que muestren todos aquellos que los versos quisieren volver en otra lengua, jamás llegarán al punto que ellos tienen en su primer nacimiento”. Le ruego, pues, que me envíe sin demora *Motivos de “Mira Celi”* en portugués.

Em 25 de julho de 1942, Diomedes de Pereyra¹⁶, consulete do comitê editorial da União Pan-Americana, de Washington, escreve a Jorge mencionando o envio de seus livros, e perguntando a respeito da tradução em espanhol de *Mira-Celi*:

[...] Su carta menciona una remesa de libros. Inútilmente los he esperado hasta hoy. Sin duda alguna se han perdido en el trayecto, circunstancia que lamento mucho, pues grande es el deseo que tengo de leerlos y alto el concepto que su obra nos merece. No me cabe, pues, otro recurso que el de rogarle ensaye de nuevo el hacerme llegar estas obras. Se lo agradeceré doblemente. ¿A propósito, salió ya la edición española de *Mira Celi*? Sea este un motivo para estrechar nuestras relaciones. Me será, créame, muy grata su colaboración.

De Washington, Armando de Sá Pires¹⁷ escreveu, em 10 de janeiro de 1952, uma carta na qual acusava o recebimento de dois artigos de Jorge de Lima (“Bahia” e “Caminho da literatura no Brasil”) para *Américas*, revista mensal ilustrada publicada pela união pan-americana, em

¹⁶ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 545.

¹⁷ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 561.



Washington. Na carta de 25 de fevereiro, Armando indica que o artigo será traduzido para o espanhol e para o inglês. Há uma carta, sem data, de Jorge de Lima para Armando Sá Pires, na qual o escritor alagoano afirma que uma das filhas de seu amigo — o escritor José Lins do Rego — já havia lhe pedido também um artigo para a revista *Américas*. Em 20 de junho, Armando confirma o recebimento dos *Poemas* de Jorge de Lima traduzidos para o espanhol, e afirma que a revista estava à procura de uma pessoa de língua espanhola e de “boa sensibilidade poética para escrever uma apreciação deste volume, que esteja à altura de seu mérito”. Em 22 de julho de 1952, Armando informa Jorge sobre o fato de a revista *Américas* não possuir, conforme solicitado pelo escritor alagoano, um fichário com endereços e nomes de escritores e críticos norte sul-americanos, mas — destaca Armando — o Departamento de assuntos culturais da União Pan-Americana já havia se prontificado a enviar a Jorge a lista requerida.

Em 10 de maio de 1952, o reitor da Pontifícia Universidade Católica do Peru, Rubén Vargas Ugarte¹⁸, escreveu a Jorge de Lima a respeito da leitura de seus poemas em espanhol:

Muy estimado Señor, ha sido para mí un presente regio su libro *Poemas* vertido con mucho acierto al castellano. Se lo agradezco muy sinceramente y aun cuando yo, tanto por la especialidad a que me dedico como por razón de las múltiples atenciones de mi cargo, apenas tengo tiempo para leer lo más preciso, será para mí un verdadero placer gustar la lectura de sus versos, tan impregnados de sentido cristiano y tan llenos de honda y auténtica poesía. Muchas gracias por el obsequio y que Dios N. S. continúe inspirándole, a fin de que Ud. también contribuya a la elevación de las almas hacia Él.

Ugarte manifestava, ainda, a opinião de que a última tradução dos poemas de Jorge em espanhol iria proporcionar um maior conhecimento de “sua obra no mundo hispânico”. Luca Popovici escreveu de Madrid, em 26 de agosto de 1952, falando, também, a respeito da tradução em espanhol dos poemas de Jorge de Lima:

Al volver hace pocos días de Francia (donde estuve un par de meses) encuentro su libro *Poemas* con el amable autógrafo que me dedicó. Supongo que debo este inmerecido honor a nuestro amigo Baciú, Primeramente le ruego disculpe — por el motivo susodicho — el retraso de mi agradecimiento, a que añado mi más caluroso afecto y admiración. Aunque no soy lector de poesía brasileña — lacuna que voy a llenar cuanto antes — su nombre me era ya conocido, como también alguna poesía, en traducción. Además tenía alguna información sobre su extraordinaria (también) biografía y siempre pensaba que un día podré conocerle.

3. Considerações finais

A seleção de cartas enviadas pelos interlocutores estrangeiros para Jorge de Lima apresenta uma faceta desconhecida desse poeta de “múltiplas dimensões” (Bosi, 1994 [1982], p. 452): a de grande divulgador internacional não somente da própria poesia, mas também da cultura e da literatura brasileira. A leitura das missivas — junto à nota de Manuel Bandeira de 1931 a respeito

¹⁸ Acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 568.

da tradução para o espanhol de poetas brasileiros — aponta para um intenso intercâmbio intelectual, baseado no envio, na leitura, na tradução, na divulgação e na crítica de vários poemas (sobretudo “Essa negra Fulô”), artigos e livros (*Poemas*, *Novos Poemas*, *Calunga*, *O anjo*, *Anchieta*, *A túnica inconsútil*, *Anunciação e encontro de Mira-Celi*), de Jorge de Lima. As cartas não somente indicam uma aproximação cultural e um vínculo estreito (dos quais ainda não temos um conhecimento aprofundado) entre o poeta alagoano e seus correspondentes estrangeiros, sobretudo da América Latina, como também informam sobre a atividade de tradução do francês do próprio Jorge de Lima, como vimos nas cartas enviadas por Daniel-Rops. A bastante consistente correspondência com Samuel Putnam, por sua vez, tem como destaque as críticas direcionadas por Jorge ao artigo escrito pelo tradutor estadunidense, em 1938, sobre a poesia brasileira. Dentro da perspectiva teórica adotada, podemos afirmar que o caso representa um exemplo de “conflito” entre culturas. Conforme vimos, Jorge de Lima questionava, na carta, diversos pontos do texto de Putnam, como por exemplo, aquele referente a uma das questões centrais da Semana de 1922: a emancipação da poesia brasileira (“Estamos inteiramente emancipados da poesia europeia ou americana no que a poesia pode ter de americano ou europeu e somos verdadeiramente universais em qualquer sentido em que v. encare”). Jorge, além de outras questões (o catolicismo professado por ele e por Murilo Mendes, e a situação política do país durante o governo Vargas), aponta para o desconhecimento de Putnam de diversos poetas brasileiros modernos (“V. decerto desconhece Adalgisa Nery, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Francisco Karam, Vinícius de Moraes, Lúcio Cardoso ou Manuel Bandeira. V. decerto desconhece os meus 5 ou 6 volumes de poesia e por isso emitiu um juízo tão desfavorável”).

Por outro lado, um caso muito interessante de “contato” (no sentido, utilizado por Terracini, de assimilação e aproximação) é o que ocorre no diálogo epistolar com Ildefonso Pereda Valdés, o qual manifestou de forma comovida suas impressões de leitura da obra de Lima, numa carta não datada. O escritor uruguaio, ao indicar que os *Novos Poemas* (1929) de Jorge de Lima lhe agradavam mais do que os *Poemas* (1927), afirma que “Essa negra Fulô” lhe “havia produzido novamente uma forte impressão de dor servil”. Valdés apontava, no poema, para a representação da alma de “uma raça sofrida e adolorada que canta a sua dor em versos”, e compartilhava um sentimento de fraternidade com Jorge em sua representação “de uma raça que, para além do colorido pitoresco, apresenta um profundo senso humano, ao qual poucos conseguiram chegar”. Nos poemas de Jorge, Ildefonso notava uma tendência mística bastante acentuada, que lhe agradava e que compartilhava:

Una vez más coincidimos: la mística me tira por adentro, yo tengo un temperamento místico que se me sale a cada rato. El negro mismo, me encanta por su misticismo, su religiosidad callada, y el fondo torturante de superstición que hay en él. Su misticismo ingenuo; su rezo poético me llegan profundamente al alma.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. Revistas. **Boletim de Ariel**, n. 1, p. 65, out.1931.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994 [1982].

GARAVELLI, Bice Mortara. Posfácio. In: TERRACINI, Benvenuto. **Il problema della traduzione**. Milão: Serra e Riva, 1983, p. 101-112.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Distribuição de papéis**: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TERRACINI, Benvenuto. **Il problema della traduzione**. Organização de Bice Mortara Garavelli. Milão: Serra e Riva, 1983.

TOROP, Peeter. **La traduzione totale**. Tipi di processo traduttivo nella cultura. Tradução de Bruno Osimo. Milão: Hoepli, 2014.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. Londres: Routledge, 1. ed. rev., 2017 [1995].

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin, Luicinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, SP: EDUSC, 2002.